

NOVOS DEBATES E VELHOS QUESTIONAMENTOS DO FEMINISMO NAS REDES: O CASO DO GRUPO “ROLÊ DAS MINAS”

NEW DEBATES AND OLD QUESTIONINGS ABOUT
ONLINE FEMINISM: THE CASE OF THE “ROLÊ DAS
MINAS” GROUP

TALITA BRISTOTTI PEREIRA DA SILVA

Jornalista e mestranda do mestrado em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas.
E-mail: talitabristotti@gmail.com

TARCISIO TORRES SILVA

Docente do mestrado em Linguagens, Mídia e Arte e do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas. Doutor em Artes Visuais (Unicamp), com estágio de doutorado no Goldsmiths College, Universidade de Londres.
E-mail: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

MÁRCIA ELIANE ROSA

Docente do mestrado em Linguagens, Mídia e Arte e do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas. Doutora em Comunicação (ECA-USP).
E-mail: marcia.rosa@puc-campinas.edu.br

SILVA, Talita Bristotti Pereira da. SILVA, Tarcisio Torres. ROSA, Márcia Eliane. Novos Debates e Velhos Questionamentos do Feminismo nas Redes: o caso do grupo “Rolê das Minas”. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 2, pp.63-78, mai. / ago. 2018.

Enviado em: 29 de setembro de 2017 / Aceito em: 30 de abril de 2018

RESUMO

Este trabalho analisa o que está sendo discutido dentro de grupos feministas brasileiros articulados nas redes sociais digitais. Para o recorte, foram estudadas as postagens de um grupo privado no Facebook com mulheres da região da cidade de Campinas, no interior do Estado de São Paulo, o “Rolê das Minas”, elencando as principais temáticas dessas discussões. A pesquisa parte do princípio que, com a disseminação do feminismo nas redes digitais, houve uma pulverização dos debates sobre o tema, o que resultou em novas demandas para o movimento, que hoje vai além da igualdade sexual, econômica e política entre os gêneros.

Palavras-chave: Pós-humano, Netativismo, Feminismo, Facebook, Rolê das Minas.

ABSTRACT

This paper analyzes discussions in Brazilian feminist groups articulated in digital social networks. For this extract, it was studied the postings of a private group on Facebook called “Rolê das Minas” (“Girls’ Ride”), composed by women from the region of the city of Campinas, in the interior of the State of São Paulo, considering the main themes of the debates. Given the increase of feminism in digital networks, the research assumes that there has been a spreading of debates on the subject, which has resulted in new demands for the movement, going beyond sexual, economic and political equality between genders.

Keywords: Post-human, Net activism, Feminism, Facebook, Rolê das Minas.

INTRODUÇÃO

A comunidade “Rolê das Minas” é um grupo criado no Facebook que, segundo a descrição, visa promover laços de irmandade e companheirismo entre as mulheres. Trata-se de um grupo fechado e privado, onde somente as participantes conseguem visualizar e interagir com o conteúdo postado. O “Rolê das Minas” foi criado em agosto de 2015 e reúne mais de 5 mil mulheres da região de Campinas. Para participar da comunidade é necessário ser mulher e passar pela aprovação das moderadoras, que analisam se os perfis não são falsos.

O “Rolê das Minas” aparece em consonância com o aumento pela temática do feminismo como um todo no país. O termo vem ganhando maior espaço nas mídias digitais desde 2015 – conforme será apresentado neste trabalho, mais adiante. E também é um demonstrativo de como as ferramentas digitais contribuem para a articulação de debates sobre o feminismo, possibilitando interações sociais e criando um processo de ressignificação do movimento. O intuito desta pesquisa, portanto, é encontrar indícios desse processo, uma vez que se propõe a classificar as principais temáticas que são visíveis pautas do movimento feminista na Internet brasileira atualmente. Parte-se da análise desse micro-ambiente, um grupo fechado regionalizado do país, a fim de observarmos variáveis que podem ser aplicadas de forma mais geral ao movimento como um todo no país.

A Investigação também observa o conceito de netativismo, que surge como uma alternativa para pesquisas que pretendem estudar movimentos digitais. Isso porque essa teoria observa o ativismo na Internet como o resultado entre a interação de sujeitos e tecnologias de informação.

Este artigo está dividido em três partes: na primeira estruturou-se o conceito da sociedade pós-humana, a fim de apresentar uma teoria que tira o homem do centro do universo e abre espaço para outros protagonistas, como a mulher e as máquinas. Numa segunda parte, debate-se o conceito de multidão, cunhado por Negri (2004), e suas relações com movimentos sociais originados nas redes digitais a partir do netativismo, que entende o ativismo digital como uma relação entre o homem e as tecnologias. Em seguida, faz-se uma discussão sobre o feminismo dentro do contexto de redes e

apresenta-se os resultados da pesquisa, que visa quantificar e categorizar as pautas do movimento feminista brasileiro a partir de um grupo no Facebook.

PÓS-HUMANO: UMA OUTRA VISÃO

Na modernidade, o pensamento cartesiano colocou o homem no centro do mundo, excluindo as demais perspectivas. Esta corrente humanocêntrica, que foi instalada na filosofia moderna, privilegiava o pensamento do Ocidente e o ser humano era representado como o homem branco e europeu. Na tentativa de mostrar que esse modo de entender a sociedade está hoje em crise, teóricos sugerem o conceito do pós-humano, que está relacionado com o fim de um certo tipo de concepção do ser humano. Conforme Hayles (1999) explica, o fim de uma concepção que pôde ser aplicada em uma fração da humanidade que teve saúde, força e lazer para conceituar eles próprios como seres autônomos, exercendo sua força em agências e escolhas individuais. Ou seja, o pós-humano descarta o homem idealizado pela filosofia moderna e abre espaço para demais agentes.

Haraway (2009), no seu manifesto ciborgue-feminista, escrito ainda nos anos 80, também mostra essa necessidade de quebrar o pensamento do homem ocidental:

A tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria de produção cultural; a tradição da reprodução do eu a partir de reflexos do outro (...) as coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. (HARAWAY, 2009, p. 37)

Nesse sentido, a teoria do pós-humano surge como uma tentativa de quebrar com esse pensamento dominante, dando espaço, inclusive, para o protagonismo da mulher e até mesmo para as máquinas, como observa-se amplamente no texto de Haraway. Essa teoria, portanto, se faz importante em esta pesquisa que vai estudar o feminismo dentro de um contexto digital.

A visão pós-humana da sociedade entende que vivemos em um ambiente composto por redes híbridas, e como afirma Latour (2013), que não pode ser entendido pelas “coisas-em-si” (objetos) e “humanos-entre-eles” (o indivíduo) de forma separada. As fronteiras entre objetos, tecnologias e o homem entram em colapso, e as relações passam a ser entendidas de uma outra forma, onde a tecnologia é elemento de subjetivação do ser humano e vice-versa.

O autor defende a construção do conhecimento em redes que são “ao mesmo

tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, e coletivas como a sociedade (...) os fatos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social, porque ele está povoado por objetos mobilizados para construí-lo” (LATOURE, 2013, p. 12). Latour afirma que a modernidade falhou por não entender a “correspondência direta entre a ordem social e a ordem natural” (ibidem, p. 47) e por não permitir que esses desdobramentos híbridos fossem pensados.

Di Felice e Piereddu (2010, p. 28) reforçam esses pensamentos e asseveram que sempre fomos pós-humanos. “Técnicas e os instrumentos de observação passaram a alterar a nossa concepção de natureza, mas começaram também a estender o homem para fora de si”, forçando a retirada do humano do centro da natureza, ou seja, demonstrando que sempre fomos dependentes das tecnologias.

A ideia do pós-humano é, portanto, entender que o ser humano constrói sua subjetividade dentro de um sistema de redes, fazendo com que o sujeito seja um “composto heterogêneo, uma entidade material-informacional” (HAYLES, 1999, p. 3).

Neste contexto da sociedade pós-humana, que entende que as tecnologias subjetivam o ser humano e vice-versa, apresentaremos o conceito do netativismo, teoria que ressalta a importância de entender os movimentos sociais baseados em redes a partir da relação pós-humana, ou seja, uma relação de subjetivação entre homens e máquinas.

SINGULARIDADES E NETATIVISMO

Di Felice (2012) afirma que o advento das tecnologias digitais e a criação de redes sociais online permitiram um outro modo de desenvolvimento de práticas sociais e de interação política. O netativismo, simplificação da expressão Network-Ativismo, entende o ativismo como o resultado entre a interação de sujeitos e tecnologias de informação – ou seja, uma visão que também pode ser considerada pós-humana. “Desta maneira, os objetivos, suas definições, suas disseminações e suas implementações são, em muitos casos, resultados não de um processo unidirecional, mas construídos em rede de forma colaborativa” (DI FELICE, 2012, p. 36).

Na visão do autor, mais do que analisar as novas práticas de interações sociais, no netativismo é preciso entender os significados das formas de interações entre o humano e o tecnológico. Ele aponta que as práticas tecnológicas são “constituídas por fluxos comunicativos em rede que parecem anular a distinção analógica entre emissor e receptor” (ibidem, p. 41). A construção coletiva do saber é uma visão que diferente da forma analógica da comunicação, na qual a mensagem era emitida ao receptor por apenas um canal, nessa nova concepção, a comunicação é entendida como um processo

híbrido no qual diversos agentes a constroem, o emissor é, ao mesmo tempo, o receptor da mensagem. Assim, interfaces que permitem velocidade na troca de informação “de todos para todos” e sejam colaborativas são essenciais em uma sociedade na qual a informação assume papel central.

Di Felice (2013, p. 58-59) ainda afirma que para entender os movimentos netativistas é preciso ter em mente que passamos por uma transição no que diz respeito à comunicação com viés ativista. De uma mídia alternativa, marcada pela produção de conteúdo contracultural, para a mídia participativa, que articula o diálogo a partir do compartilhamento de conteúdos. Este ativismo, que tem origem nas redes digitais, é marcado pelo fluxo informativo e conexões sincrônicas, bem como pela valorização do anonimato e recusa da institucionalização.

A percepção de uma mudança no modelo do funcionamento das mídias não atua de forma unilateral. Ao mesmo tempo em que é observado este movimento tecnológico, também é captado uma nova forma de pensar e agir da sociedade como se estas esferas alimentassem uma a outra e permitissem, assim, este processo dialógico que se observa. Negri (2004), ao definir a multidão como um conjunto de singularidades, sempre produtiva e em movimento, nos tenta para uma forma contemporânea de movimento social. Para o autor, não há unidade, forma de composição ou regime de governo. A multidão, como “multiplicidade singular” e “pura potência”, surge no final da modernidade e trata-se de um conceito de classe, que desenvolve um trabalho imaterial desenvolvido em rede, coletivamente. O autor contrasta a multidão com o conceito de povo, que sempre foi “sempre representado como unidade” (NEGRI, 2014, p. 3). “Ao contrário, a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age (...) Trata-se, na verdade, de um ator ativo da auto-organização” (ibidem, p. 4). É uma multiplicidade de singularidades que não pode mais ser representada por organizações.

Esse conceito torna-se fundamental para entender-se a articulação de protestos e movimentos organizados em redes, em conjunto com a teoria do netativismo. Castells (2013), ao analisar diversos movimentos sociais na era da Internet, diz que esses levantes são simultaneamente globais e locais, porque apesar de terem contextos específicos, estão conectados com o mundo. Ele ressalta a importância das tecnologias que garantem a constituição em rede desses movimentos, que não possuem um centro identificável e são formatados em uma estrutura descentralizada. “A conexão em rede como modo de vida do movimento protege-o tanto dos adversários quanto dos próprios perigos internos representados pela burocratização e pela manipulação” (CASTELLS, 2013, p. 164).

Já Zizek (2013, p. 103) argumenta que os manifestantes deixaram de perseguir um único objetivo e que compartilham “um sentimento fluido de desconforto e des-

contentamento”, que combinam questões econômicas e político-ideológicas. Santaella (2016) também concorda com o argumento ao afirmar que o manifestante contemporâneo é multifocal, pois abraça várias causas simultaneamente, e acrescenta que as redes sociais digitais têm papel importante na circulação das mensagens e na criação de espaços para convivência.

Nesse tipo de cultura, o sentido de pertencimento é animado pelo compartilhamento de alvos comuns em um cenário de convivência humana que já não aceita discursos de tom puramente persuasivo, exigente, excludente, impositivo, autoritário, pois não é preciso mais do que um celular para que alguém se converta em produtor de informação e com uma capacidade de mobilização dentro e fora das redes que, quando irrompe, desconcerta os incautos (SANTAELLA, 2016, p. 72).

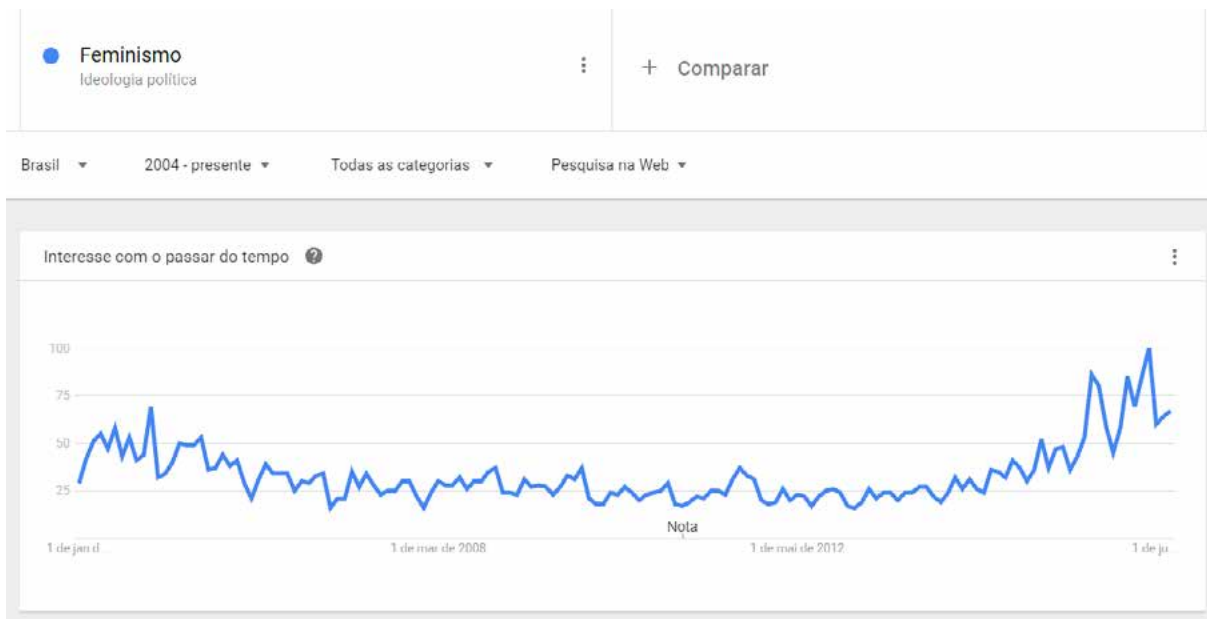
Ou seja, desse contexto de manifestações na internet, onde o manifestante se relaciona com as ferramentas tecnológicas, existe um sujeito que mantém sua singularidade, mas que compartilha "sua indignação, sentido o companheirismos e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo" (CASTELLS, 2013, p. 170).

FEMINISMO NAS REDES

O dicionário Oxford English traz que a origem do termo feminismo data do século XIX (Feminism, 2016), e, desde então, vem passando por mudanças ao longo da história. Siqueira (2015) relata que o movimento feminista passou por três ondas, ou fases, durante os séculos. Mudanças que foram motivadas pelo próprio ambiente político e social dos períodos, como a Revolução Industrial e as Grandes Guerras. A primeira “se caracterizou pelo ataque às diferenças discriminatórias e insustentáveis entre homens e mulheres”, enquanto a segunda fase, por sua vez, “estaria centrada nas questões privadas e no corpo da mulher, com foco, portanto, nas diferenças relevantes entre os sexos” (SIQUEIRA, 2015, p. 330). Por fim, a terceira onda, que seria recente do ponto de vista histórico, “reivindica não mais a diferença entre homens e mulheres, mas as diferenças entre as próprias mulheres” (ibidem). A pesquisadora, porém, ressalta que essas “ondas” demarcam marcos temporais e que não se pode ignorar o fato de que outras lutas e demandas diversificadas também coexistiram nesses intervalos.

No Brasil, avançando para no século XXI, foi possível verificar que o movimento feminista passou a apresentar indícios de uma maior exposição na mídia online do país especialmente a partir de outubro de 2015, conforme mostra a ferramenta Google Trends, que levanta o histórico de busca por termos no Google:

Figura 01 – Histórico de buscas pelo termo feminismo no Google Brasil.



Fonte: Print da imagem feito em 26 de setembro de 2016.

Na imagem acima, pode-se ver o histórico de buscas no Brasil da palavra “feminismo” no site do Google. O primeiro grande pico se dá em outubro de 2015, quando a prova do Exame Nacional do Ensino Médio discutiu um trecho do livro “O Segundo Sexo”, em que a escritora francesa Simone de Beauvoir discute questões ligadas ao feminismo. O histórico de buscas mostra que as pesquisas por feminismo tiveram seu maior pico em junho de 2016. Essa explosão nas buscas pode ser explicada por um caso de estupro coletivo de uma adolescente de 16 anos no Morro do Barão, no Rio de Janeiro. Naquele momento, houve grande mobilização na sociedade brasileira, principalmente entre as mulheres em torno da violência contra a mulher. Bandeiras foram levantadas, como a luta pelo “fim da cultura do estupro” e máximas com potencial de viralização, como “mexeu com uma, mexeu com todas”.

Vale acrescentar que a ferramenta Google Trends mostra o movimento de buscas dos usuários pelo termo, não necessariamente que houve um acréscimo nos conteúdos publicados em sites e redes sociais digitais. Os exemplos apresentados tiveram repercussão nacional e se aproximam das discussões sobre o feminismo, o que pode explicar esse aumento nas buscas do Google sobre o tema. Nota-se ainda que o gráfico sugere que os eventos como os citados contribuem para a manutenção da alta frequência de busca do termo, o que indica um acaloramento do debate.

Diferentemente da década de 1990, quando o movimento feminista ainda utilizava panfletos ou fanzines para a propagação dos seus ideais, o uso da Internet e das redes sociais possibilita que o conteúdo circule por mais pessoas e, principalmen-

te, que o leitor desse conteúdo interaja e debata as ideias apresentadas. Ferreira (2013) argumenta, ao descrever o movimento da Marcha das Vadias no Brasil, que a web-militância nas mídias virtuais é importante para a incitação de debates feministas e viabilização de publicações alternativas sobre o feminismo. A Internet, portanto, tem se mostrado um espaço para as mulheres criarem e compartilharem símbolos para combater o senso comum sobre o comportamento e sexualidade femininos.

A Internet, especialmente as redes sociais, possibilitou uma forma mais rápida e dinâmica de intercâmbio de ideias entre diferentes concepções de feminismos e, principalmente, se consolidou como um veículo de diálogo com amplos setores da sociedade sobre as diversas pautas dos feminismos contemporâneos (FERREIRA, 2013, p. 34).

A autora, então, entende que na internet existe espaço para as diferentes concepções de feminismo – que vão além da igualdade social, política e econômica entre os sexos.

Mais do que lutar por direitos e igualdades para as mulheres, questiona as práticas sociais e culturais que constrói e reforçam essas desigualdades. Daí, por exemplo, a difusão da luta contra o racismo, a homofobia e a violência de classe serem também fortemente representadas como pautas do feminismo. (FERREIRA, 2013, p. 37)

Nesse sentido, é possível relacionar essas diversas pautas do movimento feminista com o conceito de multidão (Negri, 2004). Na Internet, as mulheres mantêm sua singularidade, mas passam a lutar por causas comuns.

Dentro desses contextos que foram apresentados, propõe-se agora entender quais são essas pautas que circulam entre grupos de mulheres baseados nas redes digitais. Para isso, tomou-se como objeto o grupo fechado e privado do Facebook “Rolê das Minas”. Nele, somente participam da comunidade as garotas que passarem pela aprovação da moderação. Apenas as integrantes podem ver e interagir com o conteúdo postado no grupo. Este procedimento, segundo informações postadas no próprio ambiente, foi necessária pela expansão da comunidade – que atualmente conta com 5.089 mulheres. A moderação autoriza ou não a entrada de novos integrantes. Como descrição, o grupo diz que se propõe a criar laços de irmandade e companheirismo.

Para este trabalho, foram analisadas 400 postagens desse grupo, em período temporal não determinado, uma vez que o Facebook organiza o conteúdo dos grupos a partir de atividades recentes, ou seja, se algum usuário comentar em uma postagem antiga, o algoritmo do Facebook faz com que esse conteúdo passe a aparecer em primeiro

e ter destaque na página do grupo. Com o conteúdo levantado, foi possível dividir as postagens em sete categorias:

1) denúncias de casos de assédio e de machismo, quando as garotas relatavam situações pelas quais passaram ou compartilhavam alguma postagem com esse tipo de conteúdo;

2) saúde, para postagens sobre troca de experiências e indicações de profissionais da área;

3) solidariedade, quando o conteúdo se propunha a mobilizar a comunidade para uma ação de ajuda ao próximo;

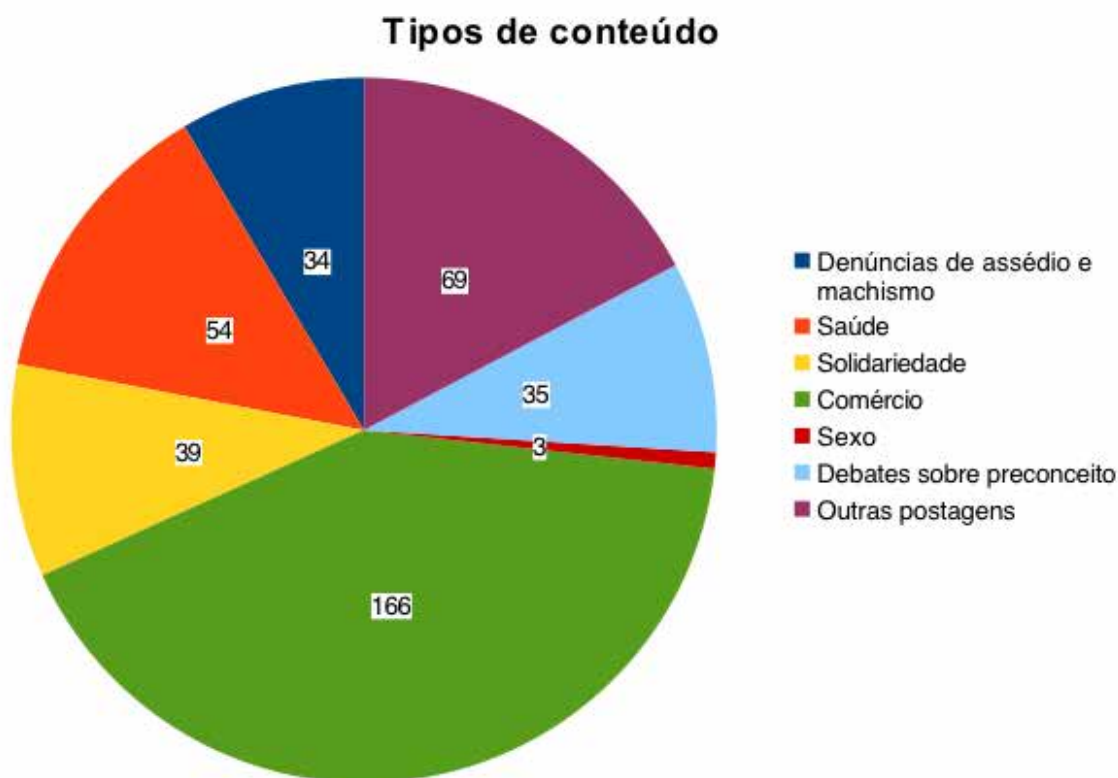
4) comércio, para as postagens que ou indicavam ou que procuravam a contratação de um serviço;

5) sexo, para conteúdos que tratem de relações sexuais, dúvidas e debates;

6) debates sobre preconceitos, para postagens que estimulassem a troca de informações sobre situações que reforcem a desigualdades;

7) outras postagens, quando o conteúdo não se encaixava em nenhuma categoria anterior.

Figura 02 – Gráfico gerado a partir da análise quantitativa das postagens que mostra a quantidade de postagens em cada uma das sete categorias.



É interessante notar como as postagens sobre comércio se sobressaíram nas 400 postagens analisadas, representando 41,5% do conteúdo levantado. Em parte das postagens que solicitavam a contratação de algum serviço, a mulher pedia especificamente a indicação de uma profissional mulher para a execução do trabalho, como no caso abaixo:

Figura 03 – Exemplo de postagem da categoria “Comércio” mostra usuária solicitando mulheres que façam panetones.



No caso de quem oferecia o serviço, também foi verificado que parte das postagens também ressaltavam que era uma mulher que realizava o trabalho:

Figura 5 – Exemplo de postagem da categoria “Comércio” mostra usuária oferecendo serviços.



Ou seja, o que aparentemente mostraria um desvio da função original do grupo, com um excesso de mensagens de tom comercial, mostra que mesmo nesse caso é possível pensar e propor práticas comerciais que valorizem o trabalho da mulher (como no caso dos panetones) ou ainda insira o trabalho feminino em praças tradicionalmente masculinas (como o dos serviços gerais).

Se tais observações não podem ser identificadas como netativismo (da forma como definimos anteriormente), verifica-se, por outro lado, que os itens “Denúncias de assédio e de machismo” e “Debates sobre preconceito” apresentam claramente características do netativismo. Na categoria de denúncias, por exemplo, foram encontradas postagens com o compartilhamento de conteúdo de terceiros como também relatos de situações vivenciadas pelas próprias integrantes do grupo:

Figura 5 – Postagem da categoria “Denúncias de assédio e machismo” mostra mulher compartilhando uma história pessoal e alguns comentários de outras usuárias.

November 11 at 10:21pm

Meninas, me tirem um dúvida. Eu terminei um relacionamento e iniciei outro agora com um homem. Ele é bem legal e carinhoso, mas sempre que eu falo algo que pareça rude, sempre que eu falo em termino, sempre que eu ajo de um jeito diferente por stress ele age de uma forma estranha. Ele chora, se machuca, bate a cabeça nas coisas, ameaça se matar. A última vez que eu falei em terminar apenas hipoteticamente ele me apertou em um abraço muito forte e começou a chorar, só me soltou quando eu falei que estava me assustando e machucando. Eu queria saber a opinião de vocês sobre isso. Pode ser ou se tornar uma relação abusiva? Eu me sinto presa, sufocada porque não posso me expressar abertamente sem que comece a ter essas ameaças. Eu tenho medo de isso ser apenas o começo e estar sendo manipulada. Grata!

Like Comment

👍👎👉 17

View 28 more comments

Miga, só de vc se sentir presa e assustada, já são indícios de abuso. Eu sou muito insistente e tentaria conversar, muito provavelmente não resolve, mas eu tentaria. Se não resolver, foge sem olhar pra trás!!!!
Like · Reply · 1 · November 12 at 8:27am

Meu ex era a mesma coisa e ate hj me da um nó na garganta de lembrar td q ele ja fez e de lembrar q eu fiquei mais de um ano com ele... Tipo, eu sabia q ele tinha um problema mt serio mas ele usava isso pra me manipular mas eu meio q fechei os olhos pra isso. Passei um ano e meio do lado dele e isso piorou absurdos minha depressao, ansiedade e crises de panico. Eu com certeza teria me matado se tivesse continuado com ele...
Like · Reply · November 12 at 9:43am

Sai disso miga. Já passei por isso e só tende a piorar, não pense que vc consegue ajudar, pq ele tem q aceitar e procurar tratamento. Eu tentei ajudar e só me afundei .
Like · Reply · November 12 at 7:06pm

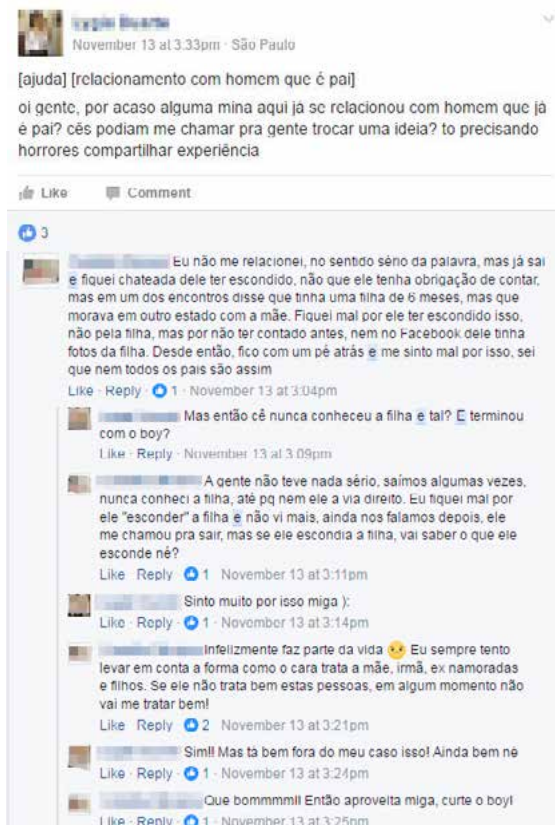
Moça, vc parece estar em um relacionamentos abusivo emocionalmente. Isso n é saudável.
Like · Reply · November 12 at 10:14pm

Figura 6 – Usuária compartilhou denúncias de terceiros sobre motoristas do aplicativo Uber.



Já na categoria “Debates sobre preconceitos” foram incluídos conteúdos que tratassem da desigualdade entre gêneros, como também assuntos que discutissem discriminações no geral e promovessem debates para a construção de espaços igualitários, como nos exemplos abaixo:

Figura 6 – Postagem de usuária tenta estabelecer diálogos sobre relacionamentos amorosos com um homem que já é pai, seguido de comentário



Assim, utilizou-se essas postagens das categorias “Denúncias sobre assédio e machismo” e “Debates sobre preconceito” para entender como o netativismo se aplica dentro desse grupo. As meninas utilizam ferramentas tecnológicas para debater sobre questões ligadas ao feminismo, discussões que talvez não fossem feitas pessoalmente. É interessante notar que as usuárias interagem entre si, contando histórias pessoais ou mesmo dando palavras de conforto ou encorajamento. Na Internet, a troca de informações tem essa característica de fluxos sincrônicos, que ocorrem ao mesmo tempo, e o grupo “Rolê das Minas” se torna um canal para que essas informações sejam expostas e discutidas.

Para além disso, nota-se que o fato do grupo ser fechado e controlado gera um clima de intimidade e cumplicidade entre as participantes, que não só utilizam a rede social fechada para pedir auxílio, mas que também se abrem para assuntos mais ligados à experiência pessoal de cada uma. Nesse aspecto, parece que o fato de ser mulher e escolher estar em uma rede fechada com propósito específico favorece a colaboração e a partilha de informações de caráter não só “ativista”, mas também de cunho afetivo. Nota-se, portanto, uma qualidade intrínseca do ambiente analisado, que é a “políticação dos afetos” traduzida na abertura expressa pelas participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recorte analisado, separou-se o conteúdo do “Rolê das Minas” em sete categorias distintas, que demonstram existir o princípio de ativismo feminista nas redes digitais e de forma mais evidente para determinados assuntos, guiados também pelo tipo de ambiente onde circulam as informações (grupos abertos ou fechados, para homens e/ou mulheres). Mesmo que quase metade do conteúdo levantado se refira à postagens sobre transações comerciais, é interessante ressaltar que ainda existe uma tentativa de criar laços de irmandade, demonstrando um comportamento ativista ao excluírem os homens destes anúncios e abrindo espaços apenas para divulgação de trabalhos para mulheres.

Foi relevante encontrar 69 postagens com um conteúdo que remeta ao netativismo. Nessas postagens, as mulheres se utilizaram da estrutura das redes e das ferramentas tecnológicas para debaterem e criarem uma construção coletiva do saber, pautadas pela construção de ambientes alternativos, que é um objetivo comum de movimentos originados nas redes sociais digitais.

Existe ativismo quando as usuárias promovem debates para a transformação da realidade em que estão inseridas e talvez esse seja o grande trunfo do grupo, que conseguiu criar um ambiente para que essas discussões sejam feitas. É difícil mensurar

tal questão com o conteúdo levantado, mas esse tipo de grupo, principalmente por ser privado do olhar do homem, pode gerar um sentimento de pertencimento para as mulheres (partilha de afetos), que veem que outras usuárias passam por situações semelhantes às delas. O objetivo do grupo é criar laços de companheirismo e irmandade, portanto estar dentro da Internet pode ajudar nessa articulação, uma vez que o papel de emissor e receptor se reformulam e as informações passam a ser de todos e para todos.

Por fim, é possível observar o funcionamento dialógico das redes e os elementos do conceito de pós-humano destacados por Haraway e outros pesquisadores que questionaram o pensamento originado por Descartes, no qual o homem passa a ser colocado nos centros das discussões. O sujeito que se lança em ações ativistas como as estudadas nesse trabalho, é composto na relação que estabelece com outros usuários e na mediação das interfaces de comunicação que utiliza.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Di FELICE, M. Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. In: **Revista FAMECOS**, v. 19, p. 27-45, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11339/0>>. Acesso em 8 de novembro de 2016.

Di FELICE, M. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. In: *Matrizes*, v. 7, p. 49-71, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/69406/71974>>. Acesso em 8 de novembro de 2016.

Di FELICE, M.; PIREDDU, M. **Pós humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Paulo: Difusão Editora, 2010.

FEMINISM. **Oxford English Dictionary**. 14 nov. 2016. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/feminism>>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

FERREIRA, G.S. Feminismo e redes sociais na Marcha das Vadias no Brasil. In: **Revista Ártemis**, vol. XV, nº 1, p. 33-43, jan/jun, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16636>>. Acesso em 6 de julho de 2016.

HAYLES, K. **How we became posthumans?** Chicago:he University Chicago Press, 1999.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T.T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo, Editora 34, 2013.

NEGRI, A. Por uma definição ontológica de multidão. In: **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, nº19-20, p. 15-26, 2004. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113103120455output19-20.pdf>. Acesso em 8 de novembro de 2016.

SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. São Paulo: Paulus, 2016.

SIQUEIRA, C.K.B. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. In: **Poder, Cidadania e Desenvolvimento no Estado Democrático de Direito**. Florianópolis: Conpedi, 2015. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>>. Acesso em 1 de dezembro de 2016.

ZIZEK, S. Problemas no paraíso. In: MARICATO, E. et al. **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.